

DOI: [10.46943/IX.CONEDU.2023.GT20.023](https://doi.org/10.46943/IX.CONEDU.2023.GT20.023)

O TRABALHO EDUCATIVO COMO PRINCÍPIO PEDAGÓGICO: DIÁLOGO POSSÍVEL ENTRE EPT, ENSINO INTEGRAL E OMNILATERAL

RENATA PORTELA DAS CHAGAS COIMBRA

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2490-8924>; Mestre em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT – Ifal). Docente do Instituto Federal de Alagoas (IFAL), renata.coimbra@ifal.edu.br;

ANA PAULA SANTOS DE MELO FIORI

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3172-0639>; Doutora em Ciências (IQB/UFAL). Docente do Instituto Federal de Alagoas (Ifal – ProfEPT/Ifal), ana.fiori@ifal.edu.br;

RESUMO

A história da educação no Brasil remete a situações de desigualdades e desfavorecimentos, reforçados por escolhas políticas que valorizam o capitalismo e tudo que nele está atribuído. As escolhas pedagógicas são consequências de concepções filosóficas que acabam por determinar as opções levadas à prática diuturna. Neste cenário, o presente capítulo traz reflexões acerca do trabalho como princípio educativo, considerando que o homem ao apropriar-se dos recursos da natureza torna-se capaz de suprir suas necessidades, através de um processo de autodeterminação e de autoconstrução. Dessa forma, estima-se refletir sobre a escola unitária proposta por Gramsci, como também a proposta do ensino integral e omnilateral na formação dos estudantes do Ensino Médio Integrado. O diálogo estabelecido perpassa ainda sobre a possibilidade das metodologias ativas como forma de dinamizar e atribuir autonomia aos estudantes. A coleta de dados realizou-se a partir de pesquisa bibliográfica. As considerações finais apontam para uma resistência contra o capitalismo alienante, à medida que se buscam novas possibilidades para pensar e agir, preparando para atuar de maneira independente, orientando a ocupação de posição única no mundo do trabalho; o que é possibilitado a partir de um movimento que se preocupa mais que a mera formação técnica e que avança no sentido da formação humana, desvelando pelos caminhos do ensino omnilateral cuja projeção acontece na formação do ser humano

em sua integralidade com a união das dimensões física, mental, cultural, política, científica e tecnológica.

Palavras-chave: Ensino Médio Integrado, Educação Profissional, Metodologias ativas.

INTRODUÇÃO

O momento político e econômico em que se encontra o Brasil nos dias atuais permite pensar no engessar do fazer pedagógico, no desmonte da educação pública, na projeção de uma crise na educação¹, especialmente na Educação Profissional Tecnológica que vêm sofrendo ataques pelos governos que criam leis e decretos que acabam por deixar o Ensino Médio Integrado² (EMI) em difíceis situações³. A referida situação aponta reflexos na formação profissional, pois, direciona-se para atender aos anseios de uma educação voltada à generalização do emprego diretamente produtivo da ciência, sob a direção do capital, que por sua vez, direciona a educação escolar por ramos distintos de ensino na formação para o trabalho complexo.

Neves e Pronko (2008) explicam que há dois ramos que podem interferir nas escolhas que acabam por refletir na educação: o primeiro deles seria o ramo científico, apontado como herdeiro da tradição humanista, mais direcionado para a “utilização produtiva de seus pressupostos, conferindo, historicamente, aos seus “beneficiários” um passaporte para as funções de direção da sociedade”; enquanto que o ramo tecnológico tem um propósito mais direcionado à relação entre educação e produção de bens e serviços, a partir de uma perspectiva formativa, pois, os princípios desse ramo está interessado “na sua utilização produtiva e formando,

- 1 Gaudêncio Frigotto (2019) sugere “uma convocação ética e política para não ceder à pedagogia da intimidação e do medo e, coletivamente atuar no processo de reversão do conjunto de contrarreformas do golpe de 2016 e um embate e combate sem tréguas e sem ódio, no detalhe e no todo, às propostas de desmonte total da esfera pública e de mercantilização da educação e da vida”.
- 2 O ensino médio integrado propõe a articulação entre a formação geral (ensino propedêutico) e a formação profissional. Assim, provendo a relação entre a teoria e a prática, a problematização do trabalho como princípio educativo, a integração entre os vários componentes curriculares, a pesquisa como princípio pedagógico e a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão (CASTRO, 2021, p.3).
- 3 Aos olhos de Araújo (2019), a reforma do ensino médio não é positiva porque existe uma tendência que aumenta ainda mais a hierarquização escolar na sociedade brasileira que já tem muito marcado dos altos índices de concentração de rendas e de desigualdades socioeconômicas. Afirma ainda que os itinerários formativos propostos pelo governo brasileiro tendem a produzir maior diferenciação escolar no Ensino Médio e esta pode ser entendida como estratégia de manutenção da desqualificação da escola destinada aos filhos dos trabalhadores, principalmente aqueles matriculados nas escolas públicas das redes estaduais de ensino, garantindo apenas a pequenos grupos mais empoderados social, política e economicamente uma escola com um padrão razoável de qualidade (ARAÚJO, 2019, p.25).

principalmente, especialistas e dirigentes no âmbito da produção” (NEVES; PRONKO, 2008, p. 28).

Nesse sentido, convergem-se as ideias de Moura (2021) e Neves e Pronko (2008) ao identificar ideologias diferentes na centralização do olhar para polos que estão sempre em disputa: o lado hegemônico e o lado contra hegemônico. Estando de um lado uma ideologia liberal e neoliberal da modernização e do desenvolvimento e de outro lado as teorias da dependência. Sendo opostos em suas maneiras de ver e entender as prioridades do mundo. Uma prioriza olhares para uma dimensão econômica voltada para os processos de acumulação, concentração e centralização do capital⁴, e a outra prioriza a dimensão humanista, assumindo então, uma posição contra hegemônica, a que se centra a visão humana e que não responde às ambições capitalistas.

É na sociedade capitalista que o trabalhador é privado, principalmente dos meios de produção, restando-lhes a possibilidade única de produzir sua própria existência através da força de trabalho, aumentando cada vez mais a necessidade de que os trabalhadores vendam sua força de trabalho na tentativa de sobrevivência. Considerando, portanto, que quando se centralizam as atenções na dimensão econômica, tendo o capitalismo (em sua fase neoliberal como referência) entende-se que não há direcionamento de foco para a classe trabalhadora e seus interesses (MOURA, 2021).

Concentrar-se na direção do estado dominante, do modelo capitalista, é entender que é crescente a concentração de renda e de riqueza nas mãos de poucos, e que para manter esse círculo, faz-se necessária cada vez mais a presença de trabalhadores especializados em áreas cada vez mais restritas e específicas: quem não tem acesso ao meio de produção, tem que “qualificar-se” para vender sua força de trabalho para poder sobreviver.

Nesse processo de inserção científica direta na produção da existência, sob a direção do capital, a educação científica foi progressivamente se configurando de forma mais pragmática, mais atrelada à produção social da existência, enquanto a educação tecnológica foi se afastando cada vez mais do sentido unitário e integrado preconizado por Marx e Gramsci e, portanto, da sua feição emancipatória, e subordinando a transmissão

4 “O Estado capitalista, o estatuto científico baseado em uma concepção utilitarista e egoísta do ser humano, e instituições e organizações reprodutoras das relações sociais, mas em que os processos de acumulação, concentração e centralização de capital se dão de forma contraditória, desigual e combinada” (NEVES e PRONKO, 2008, p. 7).

dos fundamentos tecnológicos aos requerimentos sempre crescentes de maior produtividade do próprio capital (NEVES; PRONKO, 2008, p. 28).

Todavia, segue sendo possível redirecionar os olhares e pensar em opções que convirjam com os ideais humanistas. Respeitar a economia, entendê-la e exercer a força contra hegemônica redirecionando para o lado humano parece ser a melhor opção. Buscar fazer na prática uma educação omnilateral⁵, humana e integral aponta ser a possibilidade mais completa na formação dos estudantes que serão os futuros profissionais, pois desta forma, os alunos teriam possibilidades de conhecimentos simultâneos e igualitários combinando a formação de nível básico e profissional, preparando-se “tanto para prosseguir nos estudos quanto para ingressar no mundo do trabalho” (SILVA, 2021, p. 2).

Moura (2021) sugere formações docentes que invistam em processos formativos que vão além da dimensão pedagógica e que atinjam as bases epistemológicas do professorado. Ou seja, através do processo de formação - inicial e continuada - voltada às práticas reflexivas, sugere que é possível proporcionar aos professores repensarem suas práticas pedagógicas para além de um trabalho interdisciplinar, mas que sigam um consenso diante de uma mesma concepção de ciência e de formação humana.

Silva (2021) corrobora no sentido de formar profissionais capacitados ao afirmar que o currículo integrado do ensino médio com a formação profissional precisa de mais atenção porque suas pesquisas demonstram a mera justaposição das propostas de formação geral e profissional, fazendo-se necessário um olhar mais cuidadoso sob o currículo e sugere que a necessidade de reflexão sobre os fundamentos do EMI para que o currículo e a prática docente estejam na direção da educação politécnica.

Novas necessidades. Novos olhares. Novos materiais: exigência de atualização por parte dos professores, para atingirem às novas demandas educacionais (do século XXI): agilidade, interatividade, autonomia. Uso de ferramentas que permitam tornar o ensino significativo na realidade dos estudantes que, cada dia mais, necessitam de independência em suas práticas. Sendo possível quando há inclusão ativa na escola e que somente pode existir, fazendo sentido, se a escola estiver ligada à vida (GRAMSCI, 2001). Nesse contexto, há de atualizar também os materiais e

5 A formação omnilateral é uma concepção filosófica que prevê a formação do ser humano integralmente nas dimensões física, mental, cultural, política, científica e tecnológica (CASTRO, 2021, p.4).

equipamentos didático-pedagógicos, ferramentas e metodologias para favorecer o processo de ensino-aprendizagem, tornando-o significativo.

POR UMA FORMAÇÃO FOCADA NA DIMENSÃO DO SUJEITO

Para Lúcia Neves e Marcela Pronko (2008, p.24), desde sempre a escola tem dupla finalidade: “a formação técnica e a conformação ético-política que vai se metamorfoseando de acordo com o desenvolvimento das forças produtivas ... nas relações de poder e nas relações sociais gerais, para que possa garantir a reprodução material da existência e a coesão social”.

Por trás da cena principal, Moura (2021) diz que há um projeto educativo, que representa uma concepção político-econômica, porque ao seu ver, a escola sozinha não tem poder para tomar algumas decisões. O que em outras palavras, Lúcia e Marcela colocariam como determinantes que interferem no processo de formação para o trabalho: “políticas para a educação tecnológica e superior, a política de pós-graduação e a política de ciência e tecnologia”, ou seja, há por detrás, organismos que acabam por financiar e regular o processo que interfere de maneira direta na educação (NEVES; PRONKO, 2008). Ideias que permitiriam afirmar que a humanidade vive sob a influência de concepções políticas, jurídicas, estéticas, filosóficas e religiosas que interferem diretamente nos comportamentos, nos sentidos e nos significados das experiências sociais e culturais.

Uma mudança de percepção - da dimensão econômica para a dimensão humana - muda a maneira de ver a educação, que deixa de estar centrada na formação para o mercado, passando para uma concepção de formação mais ampla que pensa na formação completa para o estudante. Proporcionando ao sujeito conhecer de várias áreas do conhecimento e estabelecer relações entre elas, entre sua área de atuação específica e entre as demais áreas, ou entre a sociedade de maneira geral. Porque tendo o sujeito uma formação completa com conhecimentos específicos, técnicos, científicos em determinadas áreas, torna-os capazes de estabelecer ligações entre o específico e a totalidade, sendo questionador, crítico, autônomo e emancipado.

I) O TRABALHO COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO

Segundo Moura (2021), a produção da existência humana se dá pela existência do trabalho. Segundo o autor, é na relação da natureza humana por meio do trabalho que se produz essa existência em qualquer sociedade, em qualquer tempo. Nesse sentido, acredita-se que “a natureza humana vem sendo construída pela própria humanidade no processo histórico atualizando sua potencialidade como agente transformador” (CARDOSO, 1998, p. 2).

Nesse viés de pensamento, o homem visto como agente modificador da natureza, desde uma perspectiva existencialista, é responsável pela construção de seu conhecimento e responsável também pela transformação da natureza que o cerca, transformando-a para suprir as suas necessidades. Esse homem, apropria-se de recursos naturais, usando-os de forma útil à sua própria vida. Esse sujeito capaz de autodeterminação é movido pelas necessidades que para o existencialismo, seria um processo de autoconstrução porque ao transformar a natureza, se autotransforma e assim constrói sua essência (CARDOSO, 1998).

Sendo através desse processo ser possível mudar as coisas e objetos disponíveis no mundo natural para satisfazer as necessidades humanas, fazendo girar um círculo entre o trabalho que transforma a natureza e a ação humana que produz riquezas que satisfazem suas carências físicas consumindo a matéria extracorpórea quando a metabolizam através de suas ações conscientes (FERREIRA, 2011).

O materialismo-histórico permite analisar recortes no tempo passado e buscar entendimentos para algumas situações da atualidade. O agente transformador da natureza, mediante o uso de sua força, inteligência e consciência, manipula as forças naturais a seu favor posto que na sua dimensão ontocriativa, esse ser social se adapta e responde instintivamente ao meio, criando e recriando, através da ação consciente do trabalho, a sua própria existência. Diferentemente dos outros animais, que não projetam suas ações, porque a ação transformadora acontece na consciência da sua ação, projetada no que se pretende materializar.

Considerando a centralidade e a importância do conceito de trabalho, desde uma concepção materialista que tem sua importância por ser fundamento da vida humana, Borges (2017, p.103), acrescenta que o “trabalho é a forma específica e determinada pela qual os homens respondem às suas necessidades individuais e coletivas”. Logo, pensar no homem - como ser social e em sua complexidade - é algo que instiga a curiosidade de muitas pessoas e algumas delas dedicam suas vidas

a tentar desvendar os segredos desse homem enquanto peça chave do cenário em que vive.

Pensar na educação do Brasil também é de igual maneira - complexo e curioso - sendo motivo para muitas investigações e discussões porque os padrões comportamentais do homem são mutáveis e modificados a partir das novas ressignificações. Neste cenário está incluída a ideia de fazer educação que sofre alterações e modifica diretamente o processo de ensinar e aprender. O processo de ensino-aprendizagem sofre variação para cumprir as exigências do mercado/da vida atual e se reestabelecem a partir das novas necessidades impostas pela própria natureza humana.

A sociedade se organiza em função das necessidades estabelecidas e determinadas culturalmente, quer seja inconsciente ou propositalmente, ao se escolher questões relacionadas às escolhas dos currículos, por exemplo. Dessa forma, a organização de todo sistema relacionado à educação é estruturada a partir do trabalho, porque esse seria a base da existência humana. Para esse autor, o sentido de trabalhar é aquele que age sobre a natureza, sobre a realidade, transformando-a e estruturando-a a partir dos objetivos e necessidades humanas (FRIGOTTO, 2009, p.187).

No sentido de contribuir para uma formação educacional plena, idealizando um ensino que proporcione ao aluno uma formação integral e omnilateral, idealiza-se uma nova organização nas maneiras de fazer a prática pedagógica. Para isso, sugere-se a proposta de Marise Ramos (2003 apud CIAVATTA, 2005) ao defender que "o conhecimento e o ato de conhecer se fazem mediante a compreensão dos conceitos científicos que são organizados na escola na forma de conteúdos de ensino".

Assim, entender a proposta educativa que visualiza o estudante como indivíduo em formação, que está em processo evolutivo e que pode/deve ser formado em sua integralidade, recebendo informações para que estejam aptos a emitir opiniões e atuar com criticidade; para que sejam capazes de se desenvolver em suas capacidades e habilidades em todas as dimensões: física, intelectual, mental, estética, cultural, política, científica.

Esses são os pressupostos de uma formação que vislumbra o estudante do ensino médio como cidadão que tem direitos e entre esses, o de receber uma formação que se preocupa em oferecer uma "base unitária para todos, fundamentado

na concepção de formação humana integral, omnilateral ou politécnica, tendo como eixo estruturante o trabalho, a ciência, a tecnologia e a cultura” (MOURA, 2013).

II) O CURRÍCULO COMO LUGAR DE INTEGRAÇÃO

Ramos (2021) coloca que a escola é espaço de disputa política, de contradição e de formação humana. Moura (2021) complementa afirmando que educação se faz na prática social, no dia a dia da escola, em suas múltiplas dimensões, quer seja praticando esportes, quer seja fazendo arte, quer usando a biblioteca ou na sala de aula.

É essa perspectiva de entender escola como espaço de transformação que possibilita o entrelaçamento do nexos causal do trabalho, que é representado pelo professor, na medida em que conscientemente (dos diversos tipos de sociedade e de culturas) esse concebe um modelo de sociedade e cultura que será apresentado aos estudantes para que esses incorporem e se desenvolvam com a relação de causa e efeito que se evidencia o complexo da educação como indispensável à reprodução do ser social (SOBRAL, 2016).

Nessa perspectiva de entendimento do princípio educativo do trabalho, o mesmo autor justifica que

O princípio educativo do trabalho é importante, mas está delimitado pela ordem social e política na qual a escola se insere; por outro lado, incorpora a necessidade de se conhecer os nexos causais (relação de causa e efeito), para que, a partir desse conhecimento, os novos indivíduos aprendam a viver em sociedade (SOBRAL, 2016, p. 189).

A polêmica em relação à educação não é um assunto específico do Brasil, tampouco seria uma polêmica recente. Muitos pontos estão atrelados a essa temática, que apesar de atual, recebe uma nova roupagem porque as questões educacionais são advindas de complicações de outras épocas e de outros lugares. O cenário da educação brasileira, além de ser difícil pela sua trajetória histórica, pelas más condições de trabalho e má remuneração, pouca valorização, continua sofrendo mudanças negativas em sua trajetória, ora por reformas nada democráticas, ora por

problemas sociais, como o caso da pandemia mundial da Covid-19 que explodiu no ano 2020, trazendo mais prejuízos ao processo de educação⁶ (LENCASTRE, 2021).

Neste contexto surgem indagações, entre elas a escolha da concepção teórica, do método e/ou técnicas adequados para a produção do conhecimento neste século XXI. Talvez esse fosse o momento propício para estabelecer novos paradigmas na produção do conhecimento científico para, de fato, haver uma mudança efetiva na apropriação do conhecimento.

Entretanto, apesar da urgência na mudança na forma de conceber e fazer acontecer o sistema educacional brasileiro, há propostas apresentadas há quase 15 anos, mas que permanece até os dias atuais, ou seja, não é algo novo o que se propõe por Borges e Dalberio (2007) ao propor algo muito maior que o que se propõe ao fragmentar e dividir o conhecimento em aulas apresentadas por disciplinas, que por sua vez estão organizadas por áreas, ministradas por especialistas cada vez mais específicos.

Por sua vez, o que se subentende é que a educação brasileira caminha rumo à hierarquização⁷, aumentando ainda mais as diferenças entre as classes. Nesse sentido, Araújo (2019) defende que não cabe mais a posição de calar-se e seguir carregando uma bagagem escravocrata, que faz parte do passado difícil que segue registrado nas memórias educacionais: a história nos mostra, todavia, que isso tem limites e, portanto não será eterno, pois haverá luta e resistência ativa. Logo, é imperativo pensar que o currículo da educação brasileira precisa atualizar-se para atender às demandas contra hegemônicas, no quesito de não se submeter somente ao paradigma hegemônico imposto pelo capital.

A resistência às forças hegemônicas acontece desde tempos passados e as mudanças acontecem lentamente. Estudiosos, educadores, pesquisadores apontam para a atenção que se deve ter ao currículo escolar enquanto conjunto de práticas que se constituem dentro da escola e que caracterizam o trabalho pedagógico. Porque é o currículo que orienta ideologicamente, concretamente e

6 Reprovação, abandono escolar e distorção idade-série são partes de um mesmo problema que foram agravados pela pandemia do Covid-19: o aumento do fracasso escolar. Em 2019, 2,1 milhões de estudantes foram reprovados no Brasil, mais de 620 mil abandonaram a escola e mais de 6 milhões estavam em distorção idade-série. Informações retiradas do unicef.org.

7 "a heterogeneidade na oferta (do EM) não significa o aumento das oportunidades educacionais e/ou o reconhecimento das peculiaridades culturais dos diferentes públicos juvenis, mas uma maior hierarquização das escolas em correspondência com os diferentes grupos socioeconômicos constituídos" (ARAÚJO, 2019, p.9).

materialmente o sentido que se quer dar à formação humana e à sociedade nas suas relações, nas suas organizações (RAMOS, 2021).

RUMO ÀS MUDANÇAS

Trazendo a possibilidade de responder a algumas dúvidas no campo da educação, o marxismo é visto como um método de investigação científica que melhor dá conta das preocupações e apoia nesse modelo investigativo contínuo, o lado positivo de que atende às necessidades do pesquisador por ser um “método de investigação que continuamente se renova e, por isso, amplia seus objetos de pesquisa, aprofunda seus conceitos e atualiza sua linguagem, sem prejuízo da ortodoxia metodológica” (NOSELLA, 2007, p.137).

Para tanto, o autor defende sua preferência pelo marxismo investigativo, em contraposição do doutrinário, porque acredita que esse “interpretou o método de Marx de forma diferente, entendendo-o como um processo de investigação contínua, pois a história dos homens está sempre aberta a vários desdobramentos, dependendo dos reveses econômicos, das lutas e das vontades humanas, e até mesmo da “fortuna”, isto é, da sorte” (NOSELLA, 2007, p.138).

Ora, interpretar o marxismo, talvez seja uma das características de Gramsci, tradutor de Marx no século XX, no ocidente. O marxismo propõe uma educação igual para todos, a partir de uma formação intelectual, moral, não priorizando somente a parte mecânica da formação para a indústria e para as fábricas. Refletir sobre questões variadas, parece ser o ponto forte desse intelectual italiano, que aproveitando seu tempo na cadeia, escreveu importantes apontamentos que servem de base para discussões até hoje.

Ainda que Gramsci não tenha escrito especificamente sobre a educação, suas ideias refletem ideais educacionais, que parecem ser os ideais perfeitos para o fim do ensino dual na educação brasileira: defende uma escola integrada, articulando os conhecimentos gerais e específicos, articulando trabalho, ciência e cultura para proporcionar aos estudantes um processo formativo sem dualidades educacionais, que aparenta ser, a tendência da sociedade capitalista moderna.

Em outras palavras, o que se propunha Gramsci era que a crise escolar teria uma alternativa para o êxito, caso fosse escolhida a linha da escola unitária, ou seja, uma escola única capaz de formar para o trabalho produtivo a partir da ideia de oferecer ao estudante o acesso à cultura geral, humanista e formativa, e dessa forma

oferecer de modo justo e igualitário para os desenvolvimentos das capacidades de trabalhar (tecnicamente e industrialmente) e o desenvolvimento das capacidades de trabalho intelectual (GRAMSCI, 2001, p.33).

Dessa forma, entende-se que o problema não é atual, e que urge atualizar-se pedagogicamente, mas sem perder de vista que o trabalho não é advindo do capitalismo e que a partir da possibilidade de comparação entre o antes e o agora, o materialismo histórico-dialético pode ajudar bastante a entender a nova demanda, as novas exigências entre passado e presente, permitindo a evolução do homem, que repensa e que recrie suas necessidades.

Trabalhar o ensino-aprendizagem dentro de uma perspectiva integrativa⁸, de formação omnilateral (uma educação completa que vai além do ensino para fins específicos) e que lhes permita aos alunos uma participação ativa na escola. Seguindo ainda na ideia da educação integral, Maria Ciavatta (2005, p.2) que sugere que tornar íntegro/inteiro, no contexto da formação integrada; ou EMI ao ensino técnico requer que a “educação geral se torne parte inseparável da educação profissional em todos os campos onde se dá a preparação para o trabalho: seja nos processos produtivos, seja nos processos educativos como a formação inicial, como o ensino técnico, tecnológico ou superior”.

Logo, a ideia de superar os ideais capitalistas possibilita avistar novos horizontes, principalmente, porque é possível acreditar na mudança a partir de atitudes condizentes com responsabilidade e ética social para ressignificar problemas graves, contudo, o fato é que a luta não será fácil. Existem possibilidades para essa superação, e Castro (2021, p.2) referencia duas grandes pesquisadoras da área, Ciavatta e Ramos (2011), que sugerem que a mudança está no ensino médio integrado como espaço de formação que vislumbra a superação da dualidade entre formação geral e formação profissional porque lá o objetivo é a formação humana, que forma de acordo com as necessidades dos jovens e adultos oriundos da classe trabalhadora, ou seja, entendem o caminho como sendo possível a partir do

8 aceita-se como integrar o que Maria Ciavatta (2005) coloca como sendo formação integrada (ou formar para o ensino médio integrado ao curso técnico) a educação geral inseparável “da educação profissional em todos os campos onde se dá a preparação para o trabalho: seja nos processos produtivos, seja nos processos educativos como a formação inicial, como o ensino técnico, tecnológico ou superior”, o que significaria dizer que dentro deste contexto de entendimento, faz-se necessário enquadrar o trabalho como princípio educativo no sentido de ir além da fragmentação, superando qualquer dicotomia que haja entre a formação para o trabalho manual e o trabalho intelectual.

entendimento do EMI como concepção pedagógica que forma amplamente “a partir dos fundamentos do trabalho, da ciência, da cultura e da tecnologia”.

I) MISTURAR, TESTAR E INOVAR

Gramsci (2001, p.52) dizia que “se se quiser criar uma nova camada de intelectuais, chegando às mais altas especializações, a partir de um grupo social que tradicionalmente não desenvolveu as aptidões adequadas, será preciso superar enormes dificuldades”. Não há uma receita pronta do que fazer e nem como fazer. Os cenários, as possibilidades, as pessoas e as experiências - pessoais e coletivas - são distintas. Entretanto, é juntando testando e misturando ‘os ingredientes’ que vai se encontrando um formato diferenciado para atender cada demandas específicas em suas particularidades.

Para a mudança começar de fato a acontecer na prática é importante estabelecer relações entre as ideias acima dispostas com as novas possibilidades tecnológicas e metodológicas. Aproveitar a proposta da Educação Profissional e Tecnológica (EPT) que se propõe realizar educação além dos espaços formais de formação, e entender que a aprendizagem se faz em todos os espaços incluindo os não-formais, passando a sala de aula e os laboratórios específicos.

Sendo a formação continuada importante para contribuir nesse sentido, trazer o professor à reflexão de suas práticas e à reflexão sobre as novas possibilidades que levam além do engessamento: estabelecer diálogos entre campos diferentes para uma efetiva atividade integradora. É usar espaços diferenciados na prática para proporcionar uma educação significativa para os futuros trabalhadores. Neste contexto, diferentemente dos tempos do fordismo⁹, não cabe mais fragmentar o ensino. Impera-se por uma forma integrada de ensinar que possibilite ao futuro trabalhador formar-se de maneira plena.

Para Souza (2021), a integração deve capacitar para ir além de assinar contrato de trabalho: deve proporcionar que o jovem consiga pensar, sendo reflexivo

9 “A revolução industrial, seguida do taylorismo, do fordismo, e da automação, expressam a história da tecnologia nos marcos da transformação da ciência em força produtiva. Definem, assim, duas características da relação entre ciência e tecnologia. A primeira é que tal relação se desenvolve com a produção industrial. A segunda é que esse desenvolvimento visa à satisfação de necessidades que a humanidade se coloca, o que nos leva a perceber que a tecnologia é uma extensão das capacidades humanas. Podemos definir a tecnologia, então, como mediação entre ciência (apreensão e desvelamento do real) e produção (intervenção no real)” (BRASIL, 2007).

sobre a sociedade na qual está inserido. Deve haver vontade coletiva (institucional e das partes) para a mudança na integração curricular, tirando do papel e indo além dos espaços formais (CARVALHO, 2021).

É preciso estabelecer diálogos. Há urgente necessidade de ir além da cultura escolar. A cultura escolar integradora tem que ser incentivada. Ir além do que se propõe o que já se fazia tradicionalmente nos percursos já percorridos. Falar e fazer a ciência. Proporcionar aos estudantes a metodologia científica. Experimentar. Inovar. Atingir a plenitude. Usar a iniciação científica no EMI para atingir a desejada omnilateralidade. Usar as tecnologias de informação e comunicação no novo processo. Trocar experiências e se refazer porque os alunos do EMI são nativos digitais e vivem no mundo tecnológico¹⁰.

AS NOVAS TECNOLOGIAS, O ENSINO HÍBRIDO E AS METODOLOGIAS ATIVAS

Além da atualização no currículo, também é importante refletir em como se proporcionar uma educação que dá sentido e traz significado à vida do aprendiz. Para dinamizar esse processo, estão as novas tecnologias que podem ainda facilitar a interação entre as áreas. Sugerindo às práticas pedagógicas, expansão para além das paredes de sala de aula e laboratórios específicos, através do uso dos espaços não formais com o incremento das modernidades de técnicas e metodologias.

Pensar no uso das novas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) e testar as opções que podem favorecer o processo de aprendizagem. Sugere-se investigar sobre o ensino híbrido como possibilidade de abordagem pedagógica uma vez que não há uma receita pronta para a educação. Testar as probabilidades, mesclar opções, misturar possibilidades combinando o ensino presencial e mediados pelas tecnologias digitais de informação e comunicação (VALENTE, 2015).

Valente (2015) afirma que as mudanças nos “processos educacionais proporcionadas pelo ensino híbrido são quase naturais, e há várias razões para que

10 “A escola vive um momento em que os professores estão aprendendo e se adaptando ao uso de ferramentas tecnológicas, enquanto seus alunos são nativos digitais. A forma como esses estudantes utilizam a tecnologia em favor da aprendizagem é uma habilidade que só se concretizará com novas práticas de ensino e professores inovadores, estimulando um espírito crítico em seus alunos perante toda informação disponível na rede” (LIMA; MOURA, 2009, p.100).

sejam extremamente benéficas para o processo de ensino e aprendizagem”. E neste sentido, complementa que os benefícios são advindos pelo contato que o estudante tem com as informações antes mesmo de entrar em aula, sendo possível no momento presencial com o professor, aprofundar-se em suas dúvidas ou ir além do que já foi assimilado, apontando ainda que “a concentração nas formas mais elevadas do trabalho cognitivo, ou seja, aplicação, análise, síntese, significação e avaliação desse conhecimento que o aluno construiu ocorrem em sala de aula, onde ele tem o apoio de seus pares e do professor” (VALENTE, 2015, p.17).

Aliar o ensino híbrido e as TDIC às práticas pedagógicas já existentes, um caráter desafiador, criativo, inovador. Que proporciona novos sentidos no fazer pedagógico ao permitir personalizar o ensino, idealizando um percurso mais individualizado que atende às necessidades específicas de cada ser como único, valorizando aspectos como “o ritmo, o tempo, o lugar e o modo como aprendem” (BACICH; TANZI NETO; TREVISANI, 2019, p.51). Vale enfatizar que personalizar não é individualizar. Estando aquela diretamente ligada à figura do aprendiz enquanto que essa centrada na figura do professor. Assim, a personalização acontece nos diferentes espaços escolares. É preciso organizar saberes aliando as tecnologias na educação, mas não antes de repensar sobre os papéis do aluno e do professor.

Lévy (2000) afirma que

as tecnologias digitais proporcionam acesso rápido a uma grande quantidade de informação, modificando as formas de pensar e de construir conhecimentos, e que, por isso, seu papel deve ser pensado em relação às modificações que causam nas formas de pensar, bem como nas alterações comportamentais de quem as utiliza ou está cercado por elas. Pela facilidade de acesso à informação, novas formas de aprendizagem surgem, com conhecimentos sendo construídos coletivamente e compartilhados com todos a partir de um clique no mouse. Dessa forma, sendo construído a muitas mãos é possível perceber que não há um conhecimento pronto e acabado, mas reorganizações conceituais que consideram diferentes cenários (LÉVY, 2000 apud BACICH; TANZI NETO; TREVISANI, 2019, p.48).

Preparar o estudante para ser autônomo e emancipado é um dos propósitos das metodologias ativas. Também é o que se propõe a formação humana. Entretanto, como tornar o processo significativo e motivador faz parte do desafio. De acordo com Bacich, Tanzi Neto e Trevisani (2019, p.48) “a autonomia é construída

gradativamente, e as tecnologias digitais que estão ao nosso redor nos dias atuais enfatizam mudanças de mentalidade”.

III) O PAPEL DOCENTE NO CENÁRIO DA EDUCAÇÃO INTEGRAL

Ciavatta (2012) coloca que a formação integrada deve ser vista como integração entre a escola e o trabalho para que juntos desempenhem lugar na formação das memórias e das identidades. Nesse sentido de formar cidadãos e entendendo que é nesse espaço que acontece o desenvolvimento das relações sociais, estima-se por defender que os papéis docentes assumem posições que devem direcionar para uma aprendizagem significativa que desenvolva a autonomia.

Dessa forma, Zabala (1998) reflete afirmando que os docentes devem estar cientes de suas funções sociais e que devem estar alinhados à função da escola para ambos contribuírem coerentemente para o crescimento educativo. Isto é, ao docente é pertinente que entenda que para priorizar as capacidades cognitivas e todas as outras capacidades que estejam dentro dos parâmetros a contribuírem com a formação integral, a tal ponto que se deva ter claramente o entendido por autonomia e por equilíbrio pessoal nesse contexto.

Assim, diante de uma visão construtivista na formação dos cidadãos, os professores desempenham funções de auxiliares, de facilitadores e mediadores do conhecimento. Esses têm um lugar importante no processo educativo, pois, são eles que vão planejar e nortear o planejamento para que os estudantes assumam o protagonismo do processo de aprendizagem. Mas, esse planejamento depende da sua visão e percepção da função social assumida por ele e pela escola em que desempenha suas funções.

Logo, para que o docente possa contribuir com uma visão que preconiza a formação integral e a autonomia estudantil, recomenda que se situem ideologicamente e reconheçam que é importante ter como ponto de partida as necessidades estudantis de quando forem adultos, ou seja,

em pleno século XXI, a avaliação das capacidades que se terá que potencializar para que possam superar os problemas e os empecilhos que surgirão em todos os campos (pessoal, social e profissional) não apenas estão sujeitas a uma análise prospectiva, como principalmente à consideração do papel que deverão ter na sociedade como membros ativos e co-participes em sua configuração (ZABALA, 1998, p.29).

Em outras palavras, prepara integralmente exige do docente que tenha uma percepção ideológica que o futuro de seu estudante depende da sua posição ideológica e das escolhas que esse terá na organização e na função social quando no desempenho de seus papéis. Estar ciente de que o conhecimento não acontece de forma fragmentada, compartilhada e linear, assim como ter consciência de que a formação integral do ser vai além dos parâmetros de repassar verdades, conteúdos em disciplinas repartidas.

Nesse contexto, também se faz necessária que a conduta docente esteja condizente com a postura mais moderna na escolha da maneira com a qual serão desenvolvidas as atividades, visto que, nesse cenário, o professor não é mais o detentor do conhecimento e da verdade, dividindo a responsabilidade da aprendizagem para a atuação e representação ao discente, que será quem assume a postura de ir em busca e desenvolver e construir seus conhecimentos a partir de suas necessidades, perpassando por caminhos que proporcionem o exercício do raciocínio crítico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se entender o homem enquanto agente social, age sob influência de determinantes que interferem em suas práticas, refletindo as concepções de sociedade no processo educacional. Há um alicerce inconsciente, estabelecido por crenças, valores, concepções de mundo.

Muito já se mudou no cenário mundial, diria até terrestre; a tecnologia avançou, os conceitos e as visões mudaram, as necessidades se atualizam. E neste sentido, aponta-se para ressignificar as concepções teóricas e metodológicas de ensino. Reciclar-se, aproveitando na formação docente (inicial e continuada) as oportunidades para proporcionar reflexões embasadas em modelos epistemológicos comuns aos profissionais da EPT.

É hora de transcender as regras e ir além das práticas pedagógicas que fragmentam o conhecimento e que vão além dos anseios do capital. Contudo, enquanto não acontece a reestruturação de um Ensino Médio que forme os cidadãos para atuarem na sociedade em que vivem de maneira igualitária e com formações completas, há a necessidade de seguir experimentando novas práticas, incluindo a qualificação de professores. Encerra-se este capítulo com os desejos de que o

ensino médio brasileiro supere a dualidade educacional e que coloque como prioridade o desenvolvimento da pessoa humana em todas as suas dimensões.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ronaldo. **Ensino Médio Brasileiro: dualidade, diferenciação escolar e reprodução das desigualdades sociais.** Navegando Publicações. Uberlândia, MG: EDUFMA, 2019.

BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando. **Ensino híbrido: Personalização e tecnologia na educação.** Porto Alegre: Penso, 2019.

BORGES & DALBERI. **Aspectos metodológicos e filosóficos que orientam as pesquisas em educação.** Revista Iberoamericana de Educación. 2007.

BORGES, Liliam Faria Porto. **Educação, escola e humanização em Marx, Engels e Lukács.** Revista Educação em Questão, Natal, v. 55, n. 45, p. 101-126, jul/set. 2017.

BORGES, Liliam. Escola, educação e humanização em Marx, Engels e Lukács. **Revista Educação Em Questão**, Natal, v.55, n.45, p. 101-126, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **Educação profissional técnica de nível médio Integrada ao ensino médio.** Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/documento_base.pdf. Acesso em 29 jul. 2021.

CARDOSO, Clodoaldo. Ciência e ética: alguns aspectos. **Revista Ciência & Educação**, 5(1), p. 1– 6, 1998.

CARVALHO, Jairo. Tecnologia, política e filosofia em Álvaro Vieira Pinto. Pensando. **Revista de Filosofia**, v. 8, n. 15, 2017. Disponível <https://revistas.ufpi.br/index.php/pensando/article/view/5492>. Acesso em: 18 jun. 2022.

CASTRO, Angeline; DUARTE NETO, José Henrique. Ensino médio integrado à educação profissional e tecnológica: a relação entre o currículo integrado e a prática

pedagógica docente. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, [S.l.], v. 1, n. 20, p. e11088, jan. 2021. ISSN 2447-1801. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/issue/view/192>. Acesso em: 14 jun. 2022.

ClAVATTA, Maria. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e identidade. *In*: FRIGOTTO, G.; Clavatta, M.; Ramos, M. N. (org.). **Ensino médio integrado: concepção e contradições**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FERREIRA, André. Trabalho, estranhamento e comunismo em Marx. **Revista Filogênese**. v. 4, n. 1, 2011. Disponível em <https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/andreferreira.pdf>. Acesso em: 1 mar. 2023.

FRIGOTTO, Gaudêncio Apresentação. *In*: ARAÚJO, Ronaldo. **Ensino Médio Brasileiro: dualidade, diferenciação escolar e reprodução das desigualdades sociais**. Uberlândia, MG: Navegando Publicações, 2019.

GRAMSCI, Antonio. Caderno 12 (1932). Apontamentos e notas dispersas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais. *In*: GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. (Cadernos do Cárcere, v. 2).

LENCASTRE, Carla. **Cultura do fracasso escolar afeta milhões de estudantes e desigualdade se agrava na pandemia, alertam UNICEF e Instituto Claro**. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/cultura-do-fracasso-escolar-afeta-milhoes-de-estudantes-e-desigualdade-se-agrava-na-pandemia>. 2021. Acesso em 19 abr. 2021.

LIMA, Leandro; MOURA, Flavia. O professor no ensino híbrido *In*: BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello. (org.). **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015

MOURA, Dante. SIMPÓSIO DO CURRÍCULO INTEGRADO IFTM CAMPUS ITUIUTABA, 1. Abertura e palestra 1. ITUIUTABA, 2021. 1 vídeo (2 h18min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qNCp6BdnqRE>. Acesso em: 27 jul. 2021.

NEVES, Lúcia. **O mercado do conhecimento e o conhecimento para o mercado:** da formação para o trabalho complexo no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: EPSJV, 2008.

NOSELLA, Paolo. **Trabalho e perspectivas de formação dos trabalhadores: para além da formação politécnica.** Revista Brasileira de Educação, 2007.

RAMOS, Marise. Palestra com a Professora Marise Nogueira: IFRN Formação Continuada 2021[S.l.: s.n.], 2021. 1 vídeo (2h 21min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0EXdHgykb9c>. Acesso em: 14 jul. 2021

SILVA, C. M. B.; Currículo integrado e Educação politécnica: concepções e percepções no Ensino Médio Integrado. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, [S.l.], v. 1, n. 20, p. e10657, maio. 2021. ISSN 2447- 1801.

SOBRAL, Karine *et al.* Gramsci e o trabalho como princípio educativo: escola unitária e a construção da nova sociedade. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 16, n. 70, p. 178–196, 2017. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8644327>. Acesso em: 14 jun. 2022.

SOUZA, Francisco. **Integração curricular e projetos integradores: possibilidades e diálogos com a EPT.** IFRN. 28/07/2021. 1 vídeo (2h32min 55s) [Live]. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=PoG9aReRQL0>. Acesso em 28 julho 2021. I Simpósio do Currículo Integrado IFTM Campus Ituiutaba - Mesa redonda: As bases da EPT e o Ensino Médio Integrado: discussões sobre o currículo.

VALENTE, José. O ensino híbrido veio para ficar. Prefácio. *In*: BACICH, Lilian; TANZI

NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello. (org.). **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação.** Porto Alegre: Penso, 2015.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar.** Porto Alegre: ArtMed, 1998.